

MAURICIO DE SOUSA – LITERATURA E CINEMA DE ANIMAÇÃO: DIÁLOGOS

Ricardo Macedo

Mauricio Araújo de Sousa é animador de desenhos, cartunista, empresário e membro da Academia Paulista de Letras. Criador da “Turma da Mônica”, começou a desenhar em 1959, com tirinhas em quadrinhos do Bidu (um cãozinho) e do Franginha (dono do animalzinho). Em 1963, foi criada a personagem Mônica, inspirada em sua filha que tem o mesmo nome.

Mauricio é internacionalmente conhecido e adaptou as suas histórias em quadrinhos para o cinema, a televisão e os videogames. Ultimamente, tem alguns projetos que incluem vários trabalhos para o meio digital. Por meio da personificação, *que é a extensão da entidade verbal*, como nos diz Paul Ricoeur (RICOEUR, p.100), Mauricio de Sousa nos proporciona isso estabelecendo um diálogo de linguagens entre palavra, imagem e movimento.

Em entrevista concedida à revista Literartes, Mauricio, que é reconhecido como um dos mais importantes cartunistas do Brasil, fala sobre sua trajetória na área da animação, do cinema de animação e da literatura, e sobre os novos rumos do diálogo entre a animação e a literatura.

Como você faz o diálogo entre literatura e animação, considerando a sua própria obra e as de seus contemporâneos, ou seja, a transformação da literatura em cinema de animação?

A animação é um dos grandes aliados para criar o interesse do público, para aprender um pouco mais sobre literatura, mas a alta literatura, as dos clássicos. Não podemos alienar as pessoas. Procuramos levantar os aspectos literários, e há uma mobilização maior no desenho animado. Infelizmente, a maior parte dos desenhos animados não é planejada com o pessoal de li-

teratura. Mas vale a pena continuarmos a brigar para haver um casamento entre a literatura, histórias clássicas e tudo mais com a animação.

O senhor considera que a literatura e a animação são puramente para o público infantil e juvenil ou também para outros públicos? Por quê?

Para todo mundo. A literatura deve ser para todo mundo e nós podemos ajudar e colaborar com isso, por meio do desenho animado. A criança é o primeiro leitor, e a animação tem de ter conteúdo, estilo. Na animação, falta pessoal que tenha conhecimento de literatura, porque, se pensarmos bem, de modo geral, essa área é desprovida de conteúdo.

Você poderia nos contar um pouco sobre a evolução da literatura para a animação? Como era no passado, como é no presente e o que se espera para o futuro, no cinema 3D, por exemplo?

Espero que tenha cada vez mais uma junção entre literatura e animação com conteúdo, com arte, com inspiração. É preciso aumentar o nível intelectual dos leitores. Sobre o 3D, nós fizemos uma animação com o Penadinho. É um pouco mais caro, mais sofisticado, mas está em nossos projetos. Teremos um primeiro filme mais alongado, numa rebeldia contra a situação cultural, depois em 3D, em nível da Pixar. Vai demorar ainda um pouco, mas, certamente, vale a pena. E, com certeza, terá bastante conteúdo. Vamos fazer também um *game* com o Horácio, que é um filósofo.

Você se considera mais um literário ou mais um animador?

A cada dia tenho gostado mais de escrever. De algum tempo para cá, estou gostando de escrever crônicas. Com a facilidade do computador tenho escrito mais. Só preciso de tempo, por isso, tenho delegado algumas coisas para minha equipe para poder administrar melhor o tempo.

Sabemos que, em literatura, todo autor se inspira em aquilo que lê, viu ou ouviu. Você, ao criar uma ou mais personagens, inspirou-se em algum outro autor? Walt Disney, por exemplo?

É sempre assim. Eu leio muito. Leio *best-sellers*, gosto de diversos autores daqui e de outros países. Atualmente, tenho trabalhado com o Ziraldo. Na Bienal, combinamos de fazer algo juntos. Temos um acordo: quando eu escrevo, ele ilustra. Depois, ele escreve, e eu ilustro. O que ele escreveu, eu já illustrei, mas o que eu escrevi, ele ainda não ilustrou. Dei muito trabalho para ele, porque nas ilustrações têm castelos e várias imagens.

Hoje em dia, a linguagem visual, ou seja, as ilustrações têm um caráter estético mais evidenciado do que a linguagem literária. Qual a sua opinião sobre isso?

Na sua cabeça tem a literatura, a sua história. Ninguém escapa da literatura. Tudo está na mente. Contar uma história é literatura. Um livro de ilustração é um livro de imaginação. Vai ser contado para si próprio. Uma pessoa com uma boa narrativa vai formatando a história conforme suas experiências de vida. Uma pessoa que viaja muito, e já viu várias coisas terá maior capacidade de ler uma história sobre um lugar que nunca foi, por exemplo, o Japão. A pessoa vai viajando, imaginando. Ela tem, na memória, muitas informações e, com isso, consegue captar melhor as coisas. O importante é viver a vida: olhando, observando, para usar como ferramenta de entendimento para melhor compreensão, enquanto estiver lendo uma ilustração. Ela terá, na sua imaginação, características mais exatas do que quem nunca viajou.

O que pensa do e-book?

Tenho vários trabalhos para o meio digital. Estamos desenvolvendo *e-books*, aplicativos, *games*, *toys*. Isso tudo não é para desenho animado, nem para revista. É para ser lançado como aplicativo na internet. Estamos desenvolvendo,

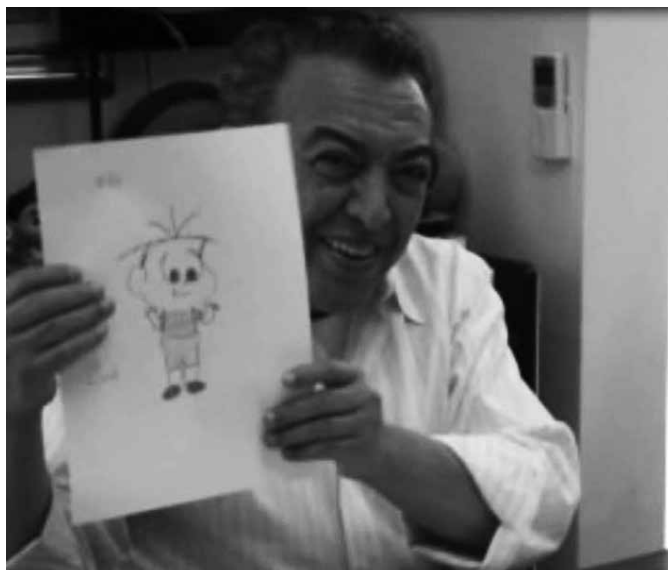
porém, até hoje ninguém achou o caminho certo. Sabemos que é o futuro e conviveremos com isso tranquilamente. Assim como quando saiu a televisão, falavam que o cinema iria acabar. Quando o cinema passou a ser falado, diziam que acabaria com ele e, no entanto, convivemos com tudo isso. Hoje, temos um público com multiatenções, com poder de vivenciar várias coisas ao mesmo tempo. Os jovens olham para três ou quatro telas, usando fones de ouvido, falando com alguém, fazendo a lição, e ainda assistindo à televisão. Assim, estamos mudando a cabeça para acompanharmos os jovens, também.

O senhor vai fazer uma Turma da Mônica Adulta?

Essa revista, edição 49 da Turma da Mônica Jovem, tem um Convite de Casamento da Mônica com o Cebolinha. Isso é a entrada da Mônica e do Cebola na vida adulta. A minha ideia é fazer, a partir daqui, a vida adulta. Eu percebi que quando as crianças atingem seus 10 ou 12 anos, já ficam envergonhadas de lerem histórias que elas consideram de crianças e vão para o mangá japonês. Quando eu percebi isso, fiz a Turma da Mônica em mangá. De qualquer maneira, pegamos os jovens, porque é a revista mais vendida. Depois esses jovens virarão adultos e falarão que os mangás são para jovens e buscarão histórias mais adultas. Então, temos A Turma da Mônica na vida adulta.

(Essa última pergunta feita por Dante Herrero Lopes Macedo, criança que acompanhava o pai durante a entrevista, motivou muita simpatia e propiciou a oportunidade de Mauricio anunciar em primeira mão o casamento de Monica e Cebolinha, pois, até então, não havia sido lançada a edição 50, que tratava do casamento dos dois.)

Ao guardar o desenho de Cebolinha que o menino realizou durante a conversa, Maurício o cartunista revela, mais uma vez, a sua sabedoria em dar atenção e saber aprender com os mais jovens.



Mauricio de Sousa (Foto tirada nos Estúdios Mauricio de Sousa no dia da entrevista. Divulgação)